

PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

**REVISTA DE GEOGRAFIA
(UFPE)**

www.ufpe.br/revistageografia

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

CONDICIONANTES SÓCIOAMBIENTAIS E CULTURAIS DA FORMAÇÃO DO CRAJUBAR, AGLOMERADO URBANO- REGIONAL DO CARIRI CEARENSE

Ivan da Silva Queiroz¹, Maria Soares da Cunha²

¹Universidade Regional do Cariri, Departamento de Geociências, Crato, CE, email: ivan.queiroz@urca.br

²Universidade Regional do Cariri, Departamento de Geociências, Crato, CE, email: maria.soares@urca.br

Artigo recebido em 16/12/2014 e aceito em 21/12/2014

RESUMO

O aglomerado urbano que se formou no extremo sul do território cearense começou a ganhar expressão regional na década de 1960. O Crajubar, conforme sugere a construção do vocábulo, é fruto de um histórico processo de integração territorial das vizinhas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Esse conjunto está situado a cerca de 600 km de duas metrópoles regionais nordestinas, Fortaleza e Recife. Colocar em pauta o Crajubar exige imergir na história e geografia da chamada região do Cariri cearense, procurando-se levar em conta uma realidade historicamente preñe de dinamismo social e político. Como fitar o presente sem levar em conta aspectos e atributos sociopolíticos e territoriais da formação desse espaço urbano-regional? Atualmente, com uma população de 445.698 habitantes, segundo estimativas do IBGE (2013), o Crajubar representa a segunda maior aglomeração urbana do Ceará. O adensamento demográfico, o incremento dos investimentos públicos e privados neste aglomerado urbano, especialmente na terra do Padre Cícero, reforçam a hegemonia regional do Crajubar. Tal fato, aliás, constituiu o mote principal dos discursos oficiais que justificam a promoção desse conjunto urbano-regional à condição de aglomerado metropolitano. Além do fenômeno urbano-metropolitano contemporâneo, outros fatores, em especial o ambiental e o cultural, foram igualmente importantes para a emergência do processo de integração territorial urbana do Crajubar, ao longo dos últimos três séculos. O esforço de recuperação da memória regional desse recorte territorial nos escritos de importantes intelectuais nos parece fundamental para compreender o processo de formação do Crajubar. É uma forma de contribuir no debate da dimensão urbana e regional do aglomerado urbano do Cariri Cearense. Para viabilizar esse estudo, procedeu-se a partir de pesquisa documental, ao trabalho de análise de textos escritos nos séculos XIX e XX, que ajudam na discussão da historiografia e geografia regional.

Palavras-chave: Aglomerado urbano-regional; formação regional; território; integração territorial; Cariri cearense.

SOCIO-ENVIRONMENTAL AND CULTURAL FORMATION CONDITIONS OF CRAJUBAR, REGIONAL-URBAN AGGLOMERATE OF CARIRI CEARENSE

ABSTRACT

The urban agglomerate, that as been formed in the extreme south of *cearense* territory, started to gain regional expression in the 1960's. The *Crajubar*, accordant to the word construction suggestion, it's the result of a historic process of territorial integration of neighbor cities of *Crato*, *Juazeiro do Norte* and *Barbalha*. That conjunct it's localized approximately 600 km far from two northeastern regional metropolises, *Fortaleza* and *Recife*. To put *Crajubar* in discussion demands to immerse into the history and geography of the *cearense Cariri* region, looking take in account one reality historically fraught with social and political dynamism. How staring at the present without regarding socio-political and territorial attributes of this regional-urban space formation? Nowadays, with the population of 445.698 habitants, according to IBGE (2013) estimates, the *Crajubar* represent the second largest urban agglomeration of Ceará. The demographic densification, the increment of public and privet investments in this urban agglomerate, especially in the land of *Padre Cícero*, reinforces the regional hegemony of *Crajubar*. That fact, by the way, is the main motto of official discourses that justify the promotion of this urban-regional

conjunct to the condition of metropolitan agglomerated. Beyond the metropolitan-urban contemporaneous phenomenal, other factors, in special the environmental and the cultural were equally important to the emergence of the *Crajobar* urban territorial process of integration, over the last three centuries. The regional memory recovery effort of that territorial clipping, in the writings of important intellectuals, seems to us, fundamental to understand the process of formation of *Crajobar*. It's the way to contribute to the debate of urban and regional dimension of the urban agglomeration of *Cariri cearense*. To the viability of this study, we proceeded from documentary research to the work of text analysis written in the nineteenth and twentieth centuries, which help the discussion of regional historiography and geography.

Keywords: Urban-regional agglomerate; regional formation; territory; territorial integration; *Cariri cearense*.

INTRODUÇÃO

O aglomerado urbano que se formou no extremo sul do território cearense, hoje conhecido nacionalmente como Crajobar, começou a ganhar expressão regional na década de 1960. Este arranjo urbano-regional, conforme sugere o vocábulo que o identifica, é fruto de um histórico processo de integração territorial das vizinhas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Portanto, é a justaposição das sílabas iniciais das referidas cidades na mesma sequência acima indicada que define o aglomerado em questão.

A emergência do vocábulo Crajobar, cerca de meio século atrás, constitui um elemento balizador para qualquer esforço de análise e interpretação das três unidades territoriais e do recorte regional que as mesmas se inserem e, ao mesmo tempo, também o definem. Partimos do pressuposto de que, se não existisse um processo de integração em curso quando começou a difundir-se uma denominação para representar o aludido conjunto urbano-regional, é bastante improvável que a mesma pudesse se firmar e difundir-se no imaginário e nos discursos populares e mesmo oficiais, o que ocorreu com a representação Crajobar.

Assim, pensar na realidade em tela pressupõe refletir sobre uma espacialidade que, obviamente, antes mesmo do seu reconhecimento como espaço aglomerado, era dotada de conteúdos sociais, políticos e históricos que lhe conferiam algum grau de integração territorial. Afinal, conforme Lencioni (2008), conceituar é um exercício de pensamento sobre um real pré-existente e independente desse exercício intelectual.

Nesse sentido, quais os atributos socioterritoriais e históricos que teriam concorrido para a formação do aglomerado urbano em questão? Seria esse aglomerado dotado dos elementos que legitimariam uma expressão efetivamente regional? Foi com o intuito de responder as questões elencadas acima que construímos o estudo que ora apresentamos. Este, por sua vez, representa parte das reflexões desenvolvidas por ocasião dos nossos processos de doutoramento (QUEIROZ, 2013; CUNHA, 2012), cujos enfoques privilegiaram, respectivamente, a expressão urbana e a dimensão regional das principais aglomerações do Cariri Cearense.

Em linhas gerais, procuramos identificar alguns aspectos e atributos que asseguraram a emergência do Crajubar enquanto expressão de uma realidade urbana aglomerada na compartimentação sub-regional chamada Cariri cearense e sua inserção nos sertões centrais do Nordeste brasileiro. Quanto ao processo de formação do Crajubar, impôs-se a necessidade de: averiguar as influências dos aspectos geoambientais dessa conformação regional para o processo de ocupação e desenvolvimento econômico do Vale do Cariri; identificar os atributos sócio-políticos e culturais que reforçaram o crescimento demográfico e incrementaram econômica e simbolicamente o potencial das principais nucleações do Cariri.

O presente estudo elege a pesquisa documental como estratégia privilegiada de produção de ideias. O *corpus* analítico abrange documentos escritos nos séculos XIX e XX. A meta geral consiste em acompanhar lançamentos imagético-discursivos do saber regional produzido e transmitido sobre o Cariri cearense e o núcleo urbano do Crajubar.

A noção de *corpus* aqui enfocada liga-se a definição apresentada por Barthes (1967, p. 96 apud BAUER e AARTS, 2004, p. 44), a qual se refere a “[...] uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar.” O seu sentido acentua a natureza proposital da seleção de material. Para delimitação do *corpus*, procurou-se selecionar: 1) textos que permitam interpretar o aglomerado urbano conhecido como Crajubar em diferentes temporalidades; 2) material do tipo impresso; 3) produções textuais que possibilitam identificar estabilidade e mudança, o que justifica a escolha de marco temporal tão extenso, envolvendo os séculos XIX e XX.

Foram consultadas obras de pesquisadores que se preocupam com a análise documental e com a história social dos textos. Como alerta Orlandi (1999, p.64), “A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e que se organiza face a natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza.” A questão norteadora para a seleção do material corresponde a que nos ajuda a identificar quais atributos socioterritoriais que teriam concorrido para a formação do aglomerado urbano do Crajubar.

Para Howarth e Stravakakis (2000), os discursos são construções sociais e políticas. As práticas discursivas se ligam a sistemas de relacionamento de sentidos e práticas de significação e de representação, ajudando a constituir as identidades de sujeitos e objetos. Dessa forma, o sentido deve ser buscado não no discurso de um indivíduo, mas na relação que sua prática discursiva estabelece com outros. Cabe ao analista desmontar o documento, analisando suas condições de produção. Fazendo isso, ele interpreta a forma como a sociedade se representa. E os estudos urbano regionais são formas de representação de dada sociedade.

Ao serem levantados acontecimentos discursivos de diferentes temporalidades, procura-se verificar possíveis encontros entre a memória e a atualidade, entre o que acabou se fixando, enquanto sentido e o que não foi estabilizado para preencher o significado desse conjunto urbano-regional chamado Crajubar.

Berdolay (1999, p.317) explora o discurso “como lugar de elaboração do pensamento geográfico, cada círculo [de afinidade] ou grupo favorecendo certas modalidades em vez de outras”. Para o autor, as formas discursivas são ao mesmo tempo forma e sentido, podendo enquadrar, constranger determinadas ideias e também assegurar a veiculação com maior permanência de outras noções.

CONDICIONANTES DA FORMAÇÃO DO AGLOMERADO URBANO-REGIONAL DO CARIRI CEARENSE

Os aspectos socioambientais

O recorte territorial cearense, hoje conhecido como região do Cariri, originalmente ocupado por índios Cariús, constituiu-se a partir de meados do século XVIII. O vale do Cariri ou o país dos Cariri transformou-se em objeto de interesse e contemplação de “colonizadores” e viajantes que para aí se destinaram ou por aí transitaram desde então. O processo de ocupação e exploração econômica da região teve início na década de 40 do século XVIII, mais precisamente a partir da antiga “Missão do Miranda”, hoje, cidade do Crato.

Para esse artigo, foram selecionados três intelectuais estrangeiros que passaram pelo vale ou serra dos Cariris ao longo do século XIX e um estudioso local que se colocaram na tarefa de sistematizar informações sobre esse recorte territorial ainda no final do século XX. Verifica-se em comum nos escritos desses intelectuais o destaque aos condicionantes naturais. No século XIX muitos dos objetos que despertam a atenção e geram registros dos estudiosos são os ligados ao naturalismo: “o mundo natural e o homem natural, a paisagem e seu próprio corpo” (SÁBATO, 1993, p. 28). Para esse autor, entre o século XVIII e XIX a mentalidade da ciência se propagou.

Feijó, Gardner e Alemão representam o que nós podemos qualificar como sendo o olhar “estrangeiro”¹ sobre o pedaço de sertão nordestino chamado de Cariri no século XIX. Os três estudiosos passaram pelo Cariri-Araripe e deixaram importantes registros sobre esse território. João da Silva Feijó (1760 -1824) escreveu memórias entre 1800 a 1814, publicadas

¹ Estrangeiros porquê de origem externa à província do Ceará.

respectivamente em 1889, 1912 e 1914 pela Revista do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará - RIHGAC ou Revista do Instituto do Ceará - RIC². As três memórias compõem a edição fac-símile *Memória sobre a Capitania do Ceará e outros trabalhos*, editada em 1997. O país dos Cariri foi visitado por Feijó na segunda metade do ano de 1800, quando o naturalista permaneceu por 5 dias.

João da Silva Feijó chegou ao Brasil em 1799 para cumprir o ofício de naturalista e realizar investigações filosóficas na Capitania do Ceará. Cumprindo a patente de sargento-mór das Milícias, durante sua permanência no Ceará (1799-1816), Feijó descreveu, mapeou, fez coletas de objetos ligados a História Natural, campo que o ligava a outros naturalistas da Europa. No segundo semestre de 1800, Feijó se dirigiu ao sul da capitania do Ceará, com destino as antigas lavras de ouro da Mangabeira. Por causa da seca se deslocou para a então vila do Crato, permanecendo cinco dias em terras da *Serra dos Cariris Novos*.

O segundo intelectual é George Gardner (1812 - 1849), que se instalou em Crato em setembro de 1838. O escocês chegou ao Brasil em 1836 e a partir de 1837 percorreu as províncias do “norte” do extenso território brasileiro. No sul do Ceará, o estudioso chegou jovem, com 26 anos de idade, residindo durante cinco meses na cidade de Crato. Nesse período se voltou para estudos geológicos e botânicos, principalmente. A maior parte de suas anotações e as notícias de suas descobertas foram feitas no ano de 1839. Os escritos originais de Gardner foram encerrados em 1846. A principal obra consultada foi o livro intitulado *Viagem ao interior do Brasil*, na edição de 1975³. O quinto e o sexto capítulos reúnem as informações sobre as viagens nas terras do Ceará. Constam neles muitas informações e impressões das numerosas excursões realizadas nas redondezas da *vila de Crato e Barra do Jardim*.

Crato e suas cercanias constitui uma referência usada por Gardner para situar os lugares por onde passou ao longo dos cinco meses (entre setembro/1838 a janeiro/1839) que permaneceu no sul do Ceará. De Crato, assentada no vale chamado Cariris Novos, o intelectual alargou seu campo de visão e de interesses, dando destaque as explorações feitas por cima e ao redor da serra/chapada do Araripe. O naturalista descreve lugares e pessoas com os quais se deparou ao explorar a Serra do Araripe, “o melhor campo de pesquisas”, que o supriu de plantas novas e raras e onde procurou o depósito de peixes fósseis, importante objeto que “compensa”

² Instituição fundada em 1887.

³ O livro foi editado em português pela primeira vez no ano de 1942: GARDNER, G. (1846). *Viagens no Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836 - 1841*. Tradução de Albertino Pinheiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

suas travessias “nessa parte do sertão do país”. Ao se aproximar da Vila de Crato, Gardner aponta:

A estrada era toda plana e arenosa, a região ao sul coberta de grandes árvores, ao passo que o norte, muito plano, era principalmente plantado de cana de açúcar, vendo-se a estreitos intervalos diversas casas, cada qual com um engenho e uma caldeira ao lado, para converter o suco de cana em rapadura.

Impossível *descrever o deleite que senti ao entrar neste distrito, comparativamente rico e risonho*, depois de marchar mais de trezentas milhas através de *uma região que naquela estação era pouco melhor que um deserto*. (GARDNER, 1975, p. 92, grifo nosso).

Gardner enaltece essa paisagem comparando-a com aquela de “uma região que naquela estação era pouco melhor que um deserto”, referindo-se ao trajeto percorrido entre Aracati e Crato. Ele destaca os aspectos naturais e culturais, com atenção ao porte das árvores, os estreitos intervalos entre as casas e a presença dos engenhos.

Feijó e Gardner são naturalistas. Os profissionais que exercem o ofício de naturalistas geralmente são recrutados por instituições científicas, militares, mas também pelo Estado, por associações comerciais, entre outras. Melquíades Pinto Paiva (2002, p. 23) designa naturalista “aqueles que se dedicam às ciências da natureza, com maior ou menor grau de especialização, mas sempre com uma visão global e integrada dos fenômenos naturais.”

Os levantamentos e observações desses intelectuais “estrangeiros” despertaram ainda mais o interesse dos intelectuais e governos da província do Ceará pela região. E, diga-se de passagem, o fator preponderante para a atenção recebida pelo Cariri a partir de então derivou da percepção dos seus atributos naturais. Por isso mesmo e, em face das aglomerações que se formavam no “Crato e cercanias”, alguns estudiosos da província afluíram para a área, na segunda metade do século XIX, a fim de mensurar a realidade regional e o seu potencial.

Destaca-se aqui, Francisco Freire Alemão (1797-1874), importante intelectual do Império, que se instalou no Crato em 1859 para realização de estudos em seu papel de presidente da Comissão Científica de Exploração. A povoação de Crato, criada como freguesia em 1762⁴, elevada à vila em 21 de junho de 1764 e transformada em cidade em 1853⁵, constitui o ponto no qual Freire Alemão se instalou entre dezembro de 1859 e março de 1860. Nesse período de sua estadia conviveu com inúmeros sujeitos da história intelectual, econômica e política do Ceará e do Cariri. Desses, vale ressaltar Thomaz Pompeu de Sousa Brasil (1818-

⁴ Figueiredo Filho (1964, p. 22).

⁵ Lei n. 623, de 17 de setembro de 1853.

1877) e João Brígido dos Santos (1829-1921), dois intelectuais identificados com a política e a educação da então província cearense.

Freire Alemão⁶ é um prestigiado cientista do Brasil imperial, um dos mais importantes estudiosos da botânica. O *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão* (volumes 1 e 2)⁷ congrega comentários, narrativas e impressões desse intelectual na ocasião em que se deslocou e permaneceu três meses na cidade do Crato em uma importante expedição científica que escolheu o Ceará como ponto de partida. O documento foi redigido entre março de 1859 e concluído em julho de 1861 (SILVA FILHO, 2006, p. 11). “Cariri” é uma expressão usada por Alemão ao situar em seu diário de viagem, as características e “objetos” com os quais entrou em contato nessa parte da província.

A Comissão Científica de Exploração⁸ desembarcou em Fortaleza em fevereiro de 1859. No Ceará, entre idas e vindas, Freire Alemão presidiu essa expedição, composta por intelectuais

⁶ Freire Alemão nasceu em 1797 na “fazenda do Mendanha, freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande - Rio de Janeiro”. Os estudos superiores de Alemão iniciaram em 1822 na “Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro (PAIVA, 2002, p. 71). Em 1828 recebeu carta de habilitação em Cirurgia e Medicina e no mesmo ano Freire Alemão embarcou para a França, em navio de guerra dessa nação, chegando à Paris em fevereiro de 1829. Paiva (2002, p. 71-2) complementa: “Por lá viveu estudando Medicina com grandes aperturas financeiras e iniciou seus estudos de Botânica com o professor Jacques Clarion (1779 - 1844)”, defendendo tese sobre a papeira em 1831, quando recebeu o diploma de Doutor em Medicina expedido pela Faculdade de Medicina de Paris. Ao regressar à cidade do Rio de Janeiro em fevereiro de 1832, Freire Alemão ingressou na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (PAIVA, 2002, p. 72). No ano seguinte, Freire Alemão submeteu-se a concurso (sem concorrente), no qual defendeu tese, sendo nomeado lente da cadeira de Botânica Médica e Princípios Elementares de Zoologia da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, por carta da Regência, com data de 10 de junho de 1833, onde permaneceu até 10 de dezembro de 1853”. (PAIVA, 2002, *ibid.*).

⁷ Os dois volumes que compõem o diário foram editados pelo Museu do Ceará, em 2006. O primeiro aborda o trajeto entre Fortaleza e a cidade de Crato, realizado no período de 16 de agosto a 8 de dezembro de 1859. (ALEMÃO, 1859-1860/2006). O mesmo é distribuído em quatro seções: *Viagem de Fortaleza a Aracati; Notas sobre a vila de Aracati; Viagem do Aracati ao Icó e Viagem de Icó ao Crato*. O volume dois, intitulado *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão - Crato - Rio de Janeiro, 1859-1860* reúne anotações da estadia do intelectual em Crato. Esse volume inicia com as anotações da estadia em Crato. São dois capítulos da “*Estada no Crato*” (p. 13-45; p. 63-72). Alemão relata a *Viagem ao Exu, Jardim e Barbalha pela Chapada do Araripe*; a *Viagem do Crato a Pacatuba*; a *Estada em Fortaleza* e, por último, a *Viagem do Ceará ao Rio de Janeiro por vapor Cruzeiro do Sul*. (ALEMÃO, 1859-1860/2007).

^{7c}A idéia da criação da Comissão Científica de Exploração nasceu na sociedade Palestra Scientifica e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; de imediato, ela mereceu o apoio do Imperador. O Ceará foi escolhido para abrigar os trabalhos iniciais da Comissão Scientifica de Exploração, presidida por Francisco Freire Allemão, que foi nomeado pelo Imperador em 07 de março de 1857”. (PAIVA, 2002, p. 75).

⁸A ideia da criação da Comissão Científica de Exploração nasceu na sociedade Palestra Scientifica e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; de imediato, ela mereceu o apoio do Imperador. O Ceará foi escolhido para abrigar os trabalhos iniciais da Comissão Scientifica de Exploração, presidida por Francisco Freire Allemão, que foi nomeado pelo Imperador em 07 de março de 1857”. (PAIVA, 2002, p. 75).

brasileiros, voltada a “explorar o interior de algumas províncias do Brasil”. A Comissão Científica de Exploração foi criada para responder a

[...] necessidade estratégica - a de conhecer em detalhe a geografia, os recursos naturais e as populações espargidas nas fímbrias do território brasileiro -, como também instituir um discurso de saber, de cariz nacional e devidamente autorizado (posto que assentado nos princípios da observação direta e do rigor metódico) para inserir o país no prestigioso âmbito da comunidade científica internacional. (SILVA FILHO, 2006, p. 9-10).

Em 1839 Francisco Freire Alemão tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e desde 1840 participava como médico da Imperial Câmara de Pedro II. Sobre sua participação na *Comissão Científica de Exploração*, Silva Filho (2006, p. 10) informa:

Na consulta feita ao IHGB quanto aos intelectuais que deveriam ser designados para a chefia das cinco seções em que foi estruturada a sobredita missão científica, o médico e naturalista fluminense Francisco Freire Alemão (1797-1874) foi incumbido dos trabalhos botânicos; a ele foi também confiada a presidência da comissão, conforme nomeação imperial de março de 1857.

A Província do Ceará foi escolhida para abrigar os primeiros trabalhos dessa Comissão, mas acabou se tornando o foco de suas atividades de campo. A justificativa da escolha do Ceará é ressaltada por Silva Filho (2006, p. 21): nas “*Instruções gerais* redigidas para orientar os diversos trabalhos da Comissão Científica, o item VI discriminava: ‘É muito recomendada na província do Ceará a exploração minuciosa de suas principais serras, e sobretudo das extensas serranias da Ibiapaba e do Araripe, onde a tradição coloca ricas minas de metais, e são fecundíssimas nos reinos vegetal e animal’”. Vale apontar o destaque das serranias, entre as quais, a do Araripe.

No Ceará, Freire Alemão e os demais membros da Comissão Científica de Exploração, permaneceram entre 1859 e 1861. Segundo Paiva (2002, p. 75-6)

Os trabalhos da Comissão seriam executados por cinco seções, a seguir relacionadas, com os seus respectivos chefes: Botânica - Francisco Freire Alemão; Geológica e Mineralógica - Guilherme Schüch de Capanema; Zoológica - Manoel Ferreira Lagos; Astronômica e Geográfica - Giacomo Raja Gabaglia; Etnográfica e Narrativa da Viagem - Antônio Gonçalves Dias.

A divisão de Botânica de Freire Alemão “foi encarregada do levantamento da flora do Ceará e sua aplicação na medicina e na indústria”. (PATACA e PINHEIRO, 2005, p. 72). No dia 16 de agosto de 1859, as seções de Botânica e de Zoologia (Manuel Ferreira Lagos e os dois ajudantes João Pedro Vila-Real e Lucas Antônio Vila-Real), partiram de Fortaleza rumo ao interior da Província do Ceará visando desenvolver levantamentos de campo em conjunto.

No deslocamento de Fortaleza a Crato (agosto a dezembro de 1859), a comitiva de botânica e zoologia passa por Aracati, Icó, Lavras da Mangabeira e seguindo o rio Salgado chega ao sul do Ceará, fazendo trajeto semelhante ao efetuado por Gardner em 1838. Em Crato, a comissão chegou no dia 8 de dezembro de 1859. Até 8 de março de 1860, os exploradores conviveram com as pessoas do local, realizando curtas incursões, subindo e descendo vários morros do conjunto Araripe. Eles coletaram e estudaram materiais extraídos nos curtos deslocamentos; participaram de inúmeras atividades culturais, conheceram lugares próximos, como a cidade de Exu, da província de Pernambuco.

Freire Alemão faz referência ao Cariri, associando diretamente a cidade de Crato. Outras vezes, a referência espacial inclui lugares que extrapolam os limites dessa povoação, provavelmente incluindo aqueles avistados quando o estudioso se posiciona no alto da serra do Araripe, em diferentes pontos de observação. O trecho seguinte expõe dados da primeira subida a cavalo que Alemão fez a serra do Araripe. Tal subida aconteceu em 14 de dezembro de 1859 entre as 10 horas e o meio dia. Alemão assim descreve

São boas duas léguas. Embaixo era o calor fortíssimo, mas no alto da serra a temperatura era bem suportável ... *A vista do alto e beira-serra é larga e bonita, vê-se a perder de vista grande parte do Cariri; todo ele é mais ou menos montuoso e com serras baixas. O Crato, digo, a cidade via-se embaixo parecendo antes um montão de pedras do que uma cidade. Viam-se de cima os telhados.* (ALEMÃO, 1859/2007, p. 15, grifo nosso)

Os comentários, feitos sobre os dias do primeiro mês de instalação no Crato, em dezembro de 1859, permitem verificar como a vila do Crato constitui um ponto de convergência para os segmentos sociais mais pobres, sobretudo na segunda metade do ano, da estação não chuvosa, quando enfrentam maiores dificuldades para garantir a sobrevivência. Crato é uma centralidade para atividades religiosas, como grandes novenas⁹.

De Crato, Alemão fez deslocamentos ou viagens de curta duração em direção a Exu na Província de Pernambuco, passagens por Juazeiro (distrito), Barbalha e Jardim. Ele comenta rivalidades existentes entre os do Cariri e os de Exu, os de Jardim, os de Crato em relação aos de Icó e vice-versa. A seguir, impressões da primeira visita de João Brígido, o criador e redator do jornal *O Araripe* (editado a partir de 1855), sendo a

Visitou-nos o redator d'O *Araripe*, o Sr. João Brígido dos Santos, e mostrando-lhe eu desejo de ler o seu jornal, ofereceu-me para isso a sua coleção. Este moço inteligente e trabalhador nasceu em S. João da Barra, em Campos, mas veio pequeno para o Ceará com seu pai, que era cearense.

⁹ Freire Alemão descreve missas e festejos de 1859 e início de 1860. Destaca a novena de 21 de janeiro de 1859, mostrando-se impressionado com a grande quantidade de mulheres e homens. Alemão estima em 1500 pessoas dentro da igreja, mais 500 fora dela.

Falando do Icó, disse com certo desdém que a gente dali ou é *portuguesa*, ou *aportuguesada*, que é gente estacionária, afeminada, pouco dada ao estudo etc. etc. No Icó também não se fazem boas ausências do Crato. Lá estas rivalidades que temos sempre notado em toda a parte, como entre a capital e o Aracati, como aqui no Cariri a respeito do Exu, Jardim etc. etc. (ALEMÃO, 1859/2007, p.16). (anotação feita no dia 15 de dezembro de 1859)

A cidade de Crato é um ponto de convergência e ciente desse papel, o estudioso aproveita para colher dados. A estadia em Crato permite que Alemão estabeleça contato com pessoas estabelecidas em várias partes do interior do país, recebendo notícias dos sertões da província do Ceará, de Pernambuco, Paraíba, Bahia e da própria corte do Rio de Janeiro. Seus visitantes levam-lhe notícias, assim como jornais e revistas. É assim que Alemão descobre “novidades” e “curiosidades” sobre objetos naturais e culturais. Também são importantes para esse estudioso o contato com intelectuais da província do Ceará.

Dentre os estudiosos do Ceará, ressaltamos as contribuições de Thomaz Pompeu de Souza Brasil. Esse intelectual, municiado com as informações colhidas da Comissão Científica chefiada por Alemão, com ele compartilhadas, produziu um extenso inventário sobre a província e, na parte que aqui interessa, sobre o vale do Cariri. As observações de Thomaz Pompeu podem ser conferidas no trabalho *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*, Tomo I de 1863 e Tomo II de 1864, ambos republicados em 1997. A obra estrutura-se em quatro partes. A *Parte Primeira*, nomeada *Parte Physica*, elenca recursos do território e a divisão política. A *Parte Segunda* cobre assuntos da população da província, sendo chamada de *parte política*. As duas primeiras partes constituem o Tomo I.

A *Parte Terceira* apresenta a estatística das comarcas, tratando dos municípios e freguesias que as compõem, constituindo o Tomo II¹⁰. A *Quarta Parte* elenca a Cronologia do Ceará, desde o período colonial até 1861 e conta com a colaboração de João Brígido dos Santos. O levantamento de Brasil é distribuído no Tomo II em *Títulos*, sendo um para cada uma das comarcas: Fortaleza (I), Aracati (II), Icó (III), Saboeiro (IV), Crato (V), Jardim (VI), Inhamuns (VII), Quixeramobim (VIII), Baturité (IX), Imperatriz¹¹ (X), Sobral (XI) e Ipu (XII). Aqui são focalizadas as comarcas de Crato e Jardim, consideradas como abrangentes, em parte, do que atualmente é identificado como a microrregião do Cariri cearense (IBGE, 1990).

Ao descrever o “Cariry”¹², Brasil resalta os aspectos naturais observados no ‘extenso vale’ onde se encontravam assentadas as aglomerações de Crato e de Jardim. Assim, Brasil

¹⁰ Os dois tomos foram reeditados pela Fundação Waldemar Alcântara em 1997. Os comentários de Thomaz Pompeu relativos ao *Tomo II* são apresentados aqui como Brasil (1864/1997).

¹¹ O município de Imperatriz passou em 1889 a denominar-se Itapipoca.

¹² Conforme a redação original desse autor, ao nomear a região que se conhece hoje como Cariri.

(1864/1997), sublinha a presença do rio Salgado, antigamente perene e que, pelo movimento das suas águas, fertilizava o solo ao longo da sua planície. Esse atributo natural do território do Cariri, segundo Brasil, suscitava rivalidade e disputas entre as vilas de então. Isso decorria, sobretudo, do desvio das águas do rio, ação promovida nas localidades situadas mais a montante do curso d'água, de forma mais notável, na vila do Crato que exercia, por assim dizer, o controle mais efetivo sobre esse importante recurso natural.

Brasil escreve sobre a comarca¹³ do Crato, “destacando o solo fertilíssimo e rico de produção, para onde convergem habitantes dos sertões vizinhos de várias províncias que buscam nesse ‘paiz’, ‘refrigerar-se das secas’.” (CUNHA, 2012, p.132). Segundo descrição do próprio Brasil,

A comarca do Crato fica no vale formado pela serra do Araripe, que se chama Cariris, nome derivado da tribo indígena que nela habitava. O terreno é baixo, entrecortado de ribeiros e oiteiros, como todo o sopé de serra, circundado pelo Araripe, de cujas faldas emanam rios abundantes d'água, que em vários córregos banham fartamente aquele solo fertilíssimo e rico de produção. A cana, legumes, mandioca, algodão, e nas faldas da serra o café, dão como em parte alguma. A agricultura é a indústria principal do país, e para ali correm não só para prover-se de mantimentos, como a refrigerar-se das secas os habitantes dos sertões vizinhos da Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba e Piauí.

O vale é sem exageração de uma riqueza e vastidão, que faz lembrar o Oásis da Líbia para onde correm os árabes do deserto. (BRASIL, 1864/1997, p.101-102, grifos nossos)

As “facilidades” e fertilidade do vale do Cariri são apontadas por estudiosos do século XIX, como aspectos que favorecem o comportamento de rebeldia dos índios e aventureiros que coabitam os ricos e extensos vales e procuram garantir a posse desse território. Os episódios, ditos revoltas, revoluções, rebeldias, ajudam a entender seguidos desmembramentos do território pertencente ao termo de Crato. O vale úmido Cariri, pelos atributos anteriormente expostos, se constituía num ambiente pródigo para o assentamento e desenvolvimento das atividades econômicas que moviam a economia da região e do país.

O uso do termo ‘oásis’ é incorporado para expressar a diferença desse conjunto territorial em relação ao dito ‘vazio’ populacional das áreas circunvizinhas. Situando-se *acima* de cidades como Fortaleza, Aracati e Icó, no dizer dos estudiosos do século XIX, que eram centros de concentração demográfica e econômica da Província do Ceará, o vale do Cariri chama a atenção por congregar numa ‘parte longínqua’ do litoral, ou seja, na área de sertão, um volume considerável de habitantes.

Della Cava (1976, p. 28) aponta o destaque da cidade do Crato, que desde o final do Século XVIII despontava como a mais populosa e o centro mais importante do Vale, recebendo

¹³ Extensão territorial sob o comando e controle da cidade do Crato.

a denominação de “pérola do Cariri”. Crato exercia forte atração, constituindo importante ímã em meio à imensidão do sertão nordestino. Não por acaso, essa região se tornou o paradeiro e refúgio de legiões de homens e mulheres que ao longo de dois séculos e meio promoveram o maior aglomerado urbano do Estado e do Nordeste, obviamente excetuando-se aqueles situados na linha de costa da macrorregião.

A primeira aglomeração a se firmar como vila foi o povoado do Crato, fato consumado com a criação da Vila Real do Crato em 21 de junho de 1764. Esta denominação consistiu numa homenagem ao lugarejo português situado no Alentejo. Essa aglomeração passou a figurar, ao lado das outras oito vilas que compunham a extensão territorial do Siará Grande - esta era a denominação anterior do Ceará quando ainda integrava o território da província de Pernambuco -, como uma das mais importantes aglomerações do Ceará, comandando uma vasta extensão do Cariri.

Para Lima¹⁴(2005, p. 384), o primeiro recenseamento da população da capitania do Ceará foi realizado no começo dos oitocentos, especificamente em 1813 por iniciativa de Dom Luiz Barba Alardo de Menezes, então governador dessa capitania, que também escreveu em 1814 “Memória sobre a Capitania independente do Ceará”. Nesse documento, Barba Alardo informa que Crato contava com 11.735 habitantes e que: “As suas preciosas nascentes de águas a fazem muito procurada dos povos nas ocasiões da seca, motivo por que vinha sendo muito povoada e comerciante¹⁵.”

Alves (1952) e Norões, Nascimento e Sampaio (1978, p. 14), contabilizam 69.687 habitantes vivendo no Cariri conforme dados de Brasil de 1864. Eles não incluem os dados de Milagres, criado no mesmo ano de Barbalha, ou seja, 1846. Nos dois estudos regionais são indicados os números para Crato, Barbalha, Jardim e Missão Velha. Em 1872 eles somam a população absoluta de 76.086 indivíduos, incluindo o termo de São Pedro do Cariri¹⁶ [Caririaçu].

Com base em Brasil (1864/1997), em 1860 o Cariri contabilizava entre 69 e 79 mil habitantes. Mesmo sendo variável e dependente de escolhas, os números do povoamento e da densidade demográfica são expressivos da situação do Cariri como área de convergência e de atração de pessoas, sobretudo no período de estiagens dos ditos sertões vizinhos. Pelas condições favoráveis, e como descreve Della Cava (1976, p.27), “Comandando um dos

¹⁴ Esse pesquisador faz referência a DOCUMENTAÇÃO Primordial sobre a capitania autônoma do Ceará. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

¹⁵ A citação foi extraída de Lima (2005, p. 423).

¹⁶ São Pedro do Cariri obteve autonomia políticoadministrativa em 1876, sendo subtraído do território de Crato.

melhores solos do Vale, tornou-se o Crato o principal produtor e, conseqüentemente, fornecedor de excedentes de alimentos para o sertão árido”.

Acresce informar que a unidade territorial Vila Real do Crato, até o princípio do século XIX, compreendia ou polarizava toda a extensão do território que hoje abrange a “Região Metropolitana do Cariri” e sua área de influência. Dessa extensão territorial, originaram-se todos os municípios que compõe atualmente a microrregião do Cariri (IBGE/Governo do Ceará, 1990) e os adjacentes.

ASPECTOS SÓCIO CULTURAIS, ECONÔMICOS E RELIGIOSOS

Se durante muito tempo, os aspectos geoambientais do Cariri se tornaram os elementos essenciais que explicavam a excepcionalidade do Vale de mesmo nome e as conseqüentes possibilidades para sua ascensão econômica, social e política, eis que emerge outro fator preponderante: “o milagre de Joazeiro”.

Conforme a historiografia da cidade, Juazeiro do Norte conseguiu saltar à “maioridade” antes mesmo de sua emancipação política. Esse fenômeno não teve origem em nenhuma riqueza natural ou qualquer atividade econômica de relevo, fatores comumente responsáveis pelo florescimento de inúmeras outras cidades pelo país no período em que Juazeiro do Norte desabrochava, ainda no final do século XIX. Tampouco foi favorecida por uma localização mais favorável no incipiente sistema viário brasileiro de então. Na verdade, sua proeminência, a julgar pelas evidências históricas, constituiu-se por obra e “graça” do célebre Padre Cícero.

A importância do evento popularmente conhecido como o “milagre da hóstia” e do próprio Padre Cícero a partir de então pode ser medida a partir do exame do processo de ocupação e urbanização do pedaço do Vale hoje conhecido como Juazeiro do Norte.

Quando da chegada do Padre Cícero ao povoado, em 1872, a população estimada era de aproximadamente 2.000 habitantes. Quase duas décadas mais tarde, em 1890 (um ano após o alegado milagre, ocorrido em 1889), segundo Orácio (1959), o contingente da população local não passava de 2.245 indivíduos. Portanto, no período compreendido entre a chegada do capelão e a ocorrência do evento supracitado, um interstício de 18 anos, o crescimento populacional foi da ordem de 12%.

Todavia, dez anos mais tarde, no período de 1890 a 1898, a população de Juazeiro mais que duplicou, atingindo a marca de 5.000 habitantes¹⁷. Em 1905 saltou para 12.000¹⁸ e em 1909, quando o povoado ensaiava o movimento em prol de sua emancipação política, o contingente populacional já totalizava 15 mil pessoas¹⁹. Essa última conta representa mais que o dobro da população encontrada na atualidade em algumas cidades do sertão Nordeste. Por exemplo, no município cearense de Jati, localizado na área de influência de Juazeiro do Norte, no último Censo (IBGE, 2010), anotou-se uma população de 7.660 habitantes.

O evento mencionado significou um “divisor de águas” para o lugarejo que, de modesto entreposto entre os principais núcleos do Vale de outrora (Crato, Barbalha e Missão Velha), alcançou, em pouco tempo, autonomia política, força econômica e, principalmente, vigorosa condição urbana - obviamente, se considerada a realidade da grande maioria das cidades brasileiras no começo do século XX. Tais condições lhe colocaram rapidamente numa posição de destaque tanto no Vale quanto no Sertão, sobretudo no que tange ao afluxo de visitantes. Diferentemente do que se verificava no interior do Nordeste em virtude das fortes secas que abalaram a região no final do século XIX e no princípio do século XX, principalmente no Ceará, Juazeiro passava por um extraordinário e constante crescimento populacional ano-a-ano.

A terra do Pe. Cícero exercia forte atração sobre os sertanejos castigados pelas intempéries climáticas e pela situação de extrema pobreza. Eles se dirigiam ao clérigo pessoalmente ou mediante cartas e pediam socorro e mesmo licença para morar em Juazeiro do Norte. Essa atração exercida pela cidade e o conseqüente movimento de imigração, não se restringia ao povo mais humilde, pois muitos sujeitos de posses também acorreram a Juazeiro e ao Pe Cícero. Joaquim Alves confirma que “Não foram poucos os homens de negócios, ricos proprietários das Alagoas e outros Estados que se fixaram definitivamente em Juazeiro, para estar em contato com o Padre e receber, diariamente, sua bênção às 19 horas...” (ALVES, 1948, p.94).

O reflexo principal desse processo imigratório em Juazeiro foi o rápido e intenso processo de urbanização. Se observados os números levantados pelo IBGE desde o seu primeiro recenseamento compilados na Tabela 01, verifica-se que o contingente populacional urbano de Juazeiro sempre se revelou superior às aglomerações vizinhas, inclusive a do Crato, município

¹⁷ População estimada no “Livro de Registro do Apostolado da Oração do Santíssimo Coração de Jesus” (Joazeiro), 13 de janeiro de 1898, ACS, Pasta da Legião da Cruz. (DELLA CAVA, 1976).

¹⁸ “Rascunho de Carta, José Marrocos à Câmara Federal, 10 de agosto de 1906, ACS, Pasta José Marrocos.” (DELLA CAVA, op. cit.).

¹⁹ *A Povoação de Joazeiro* - documento apresentado à Assembleia do Ceará em apoio ao pedido de autonomia municipal para Juazeiro, In ACS.

do qual foi desmembrado. Além disso, o predomínio da população urbana sobre a rural revelou-se uma constante desde o primeiro levantamento. Podemos sustentar que o município já nasceu urbano. Ademais, conforme se pode observar na tabela seguinte, Juazeiro do Norte manteve crescimento demográfico constante, atingindo expressivo incremento intercensitário, sobretudo, a partir de 1970.

As peregrinações que se iniciaram a partir dos fatos extraordinários ocorridos em Juazeiro, no final do século XIX, exerceram forte influência na sua expansão urbana. Isso se deu, de um lado, devido à conversão de parte dos contingentes de peregrinos em imigrantes e, do outro, pelas perspectivas de negócios que se abriram no lugar. Essas perspectivas decorrem das romarias e da ação do próprio Padre Cícero - que se constituiu, além de pastor de almas, no artífice e na pedra de toque do desenvolvimento econômico e social de Juazeiro -, colaborando para atrair investimentos e interessados nas oportunidades que aí se abriam.

Tabela 01 - População de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha de 1940 a 2010

ANO	Total	% Urbano	% Rural	Total	% Urbano	% Rural	Total	% Urbano	% Rural
1940	38.145	63,32	36,68	40.282	31,19	68,81	22.138	15,8	84,2
1950	56.146	76,27	23,73	46.408	36,15	63,85	22.987	18,66	81,34
1960	68.494	79,08	20,92	59.464	49,28	50,72	23.575	30,10	69,99
1970	96.047	83,96	15,404	70.996	58,84	41,16	23.370	41,02	59,98
1980	135.616	92,93	7,98	80.677	72,23	27,77	30.966	48,65	51,35
1991	173.566	95,02	4,98	90.519	77,64	22,36	38.430	63,23	36,77
2000	212.133	95,33	4,67	104.646	80,19	19,81	47.031	65,21	34,79
2010	249.939	96,07	3,93	121.428	83,10	16,9	55.323	68,72	31,28

Fonte: IBGE - Censos de 1940-2010.

A condição geográfica do Vale, sobretudo por suas posição e situação geográficas e num período em que o desenvolvimento das técnicas ainda estavam em estágio embrionário - em particular, no que tange às técnicas de produção, transporte e comunicação, isso na segunda metade do século XIX e princípio do século XX -, representava de fato uma realidade extraordinária.

Mesmo quando as vilas e, mais tarde, as cidades do Cariri ainda não passavam de modestas aglomerações urbanas, o vale do Cariri representava a perspectiva mais próxima de mudança de vida para parcela expressiva da população sertaneja, isolada da prosperidade dos grandes centros urbanos do Nordeste e do país.

Num esforço de síntese acerca do imaginário que se configurou por e a partir do conjunto urbano-regional do Cariri cearense, Diniz (1989) associa a forte identificação regional no Cariri à sua imagem de “óasis e de lugar de salvação física” e também das almas desesperançosas que elegem o Vale, sobretudo Juazeiro do Norte como destino.

Conforme nos adverte Della Cava, a tentativa de explicar o extraordinário movimento imigratório de Juazeiro do Norte simplesmente pelo aspecto religioso é demasiadamente simplista. Diante da situação de pobreza endêmica vivenciada por milhares de sertanejos, que invariavelmente depositavam suas esperanças nos santos e, por vezes, no paternalismo e nas relações de compadrio com os coronéis da região, a emergência do fenômeno Padre Cícero fez com que o “Joaseiro” do Cariri se tornasse uma tábua de salvação. Obviamente, a fama de ‘santo’ e ‘milagreiro’ do Padre Cícero contribuiu, tanto quanto a fertilidade do vale, para atrair os “náufragos” sertanejos (DELLA CAVA, 1976).

A despeito do papel e importância do ideário religioso que serviu de ímã e fator de transformação da realidade socioespacial de Juazeiro do Norte, o que aqui pretendemos sublinhar são os desdobramentos de ordem geográfica e urbanística. Nesse sentido, a formação de uma importante concentração populacional como a que já se podia verificar nesse espaço ainda em princípio do século XX representava, por si só, um elemento decisivo para a expansão das demandas no território de então e, ao mesmo tempo, um impulso às atividades econômicas dessa cidade.

Se ainda na segunda metade do século XIX, o açúcar e o engenho, considerados elementos responsáveis pela primeira etapa da industrialização do Vale do Cariri, impulsionaram a economia e o desenvolvimento dos embriões urbanos do Cariri cearense²⁰, o declínio dessa produção, na segunda metade do século passado, também concorreu para a expansão destas aglomerações. Com a extinção paulatina dos engenhos, localizados invariavelmente nas áreas rurais, que representavam fonte principal de ocupação dos trabalhadores do campo, uma parcela expressiva da população rural do Cariri deslocou-se para os centros urbanos de Crato, Juazeiro e Barbalha.

Assim, diferentemente do movimento preferencial de emigrantes sertanejos em direção às grandes cidades do país, principalmente para São Paulo, o aglomerado urbano do Crajubar exerceu importante papel como polo de atração regional. Tal fato pode ser verificado na redução da população rural nos principais municípios do Cariri ao longo da segunda metade do século XX, bem como na expansão dos contingentes urbanos nos mesmos.

²⁰ A importância da produção de açúcar e dos engenhos no Cariri cearense é realçada por DINIZ (1989).

Some-se a isso o processo de imigração contínua na região, especialmente em Juazeiro do Norte, que, mesmo nos períodos em que o Estado do Ceará perdeu mão de obra para outras regiões do país, nas circunstâncias das piores secas do Nordeste nos séculos XIX e XX, o Cariri manteve-se como polo de atração²¹.

Portanto, é lícito afirmar que, somado a fé dos imigrantes peregrinos que afluíam para a terra do Pe Cícero, a aglomeração urbana em si constituiu-se gradativamente num esteio aparentemente seguro para uma parcela expressiva do contingente de migrantes. Assim, Juazeiro do Norte foi se consolidando como uma aglomeração cuja característica principal é a de ser constituída, a exemplo da maior metrópole brasileira, basicamente por uma população de forasteiros.

No que tange à relação de Juazeiro do Norte com as vizinhas cidades de Crato e Barbalha, o aludido processo de integração territorial, em princípio, se explicaria por e a partir de relações de complementaridade funcional, em tese, favorecidas pela proximidade territorial dos municípios que abrigam as três cidades mencionadas. Destaque-se que as áreas centrais de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, quando representados em linha reta - considerados os segmentos de distância que separam o centro de Crato em relação ao de Juazeiro do Norte e o deste em relação ao de Barbalha - estão separadas por uma distância média de 12 km.

O vigor e o dinamismo socioeconômico das três aglomerações, especialmente de Juazeiro do Norte e notadamente a partir da década 1970, concorreram para reforçar os nexos entre as três unidades territoriais e o compartilhamento de atividades e fluxos. Os três núcleos urbanos organizam um conjunto regional cada vez mais amplo, não só do ponto de vista econômico, mas, também, no que tange a vida social e cultural. A influência e importância dessas cidades, segundo os estudos das regiões de influência das cidades no Brasil (IBGE, 1972; 1987; 1993 e 2008), estenderam-se e consolidaram-se, inclusive, para além das divisas do Estado do Ceará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, com uma população de 445.698 habitantes, segundo estimativas do IBGE (2013), o Crajubar representa a maior aglomeração urbana do Ceará, além, claro, da Região Metropolitana de Fortaleza. Ademais, o adensamento demográfico, associado ao adensamento

²¹ Della Cava recupera os impactos do surto emigratório do Ceará em direção ao norte do país, qualificando-os como desastrosos para a economia do Ceará, devido a perda de mão de obra. Isso no final do século XIX. Porém, o contrário sucedeu-se no Cariri, resultado da forte imigração promovida pelos romeiros do Pe. Cícero. (DELLA CAVA, 1976, p.142-143)

dos investimentos públicos e privados em Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, em especial na terra do Padre Cícero, reforçou a hegemonia regional do Crajubar.

Ao longo do processo de formação desse conjunto urbano-regional é possível demarcar ao menos dois condicionantes principais que por sua vez concorreram para a estruturação das atividades econômicas e organização da vida social, política e cultural do Vale do Cariri.

Na primeira etapa do aludido processo de formação territorial, as amenidades físico-climáticas – a exemplo das fontes perenes de água ao longo de toda a extensão da encosta da chapada do Araripe, as terras férteis recortadas por rios perenes, a floresta do Araripe e as riquezas minerais – representaram condicionante principal para exploração econômica do vale do Cariri e formação das primeiras concentrações de população. As condições geoambientais excepcionais do Cariri cearense, decididamente, conforme observado por Feijó, Gardner, Alemão e Brasil, foram tributárias do potencial de geração de riqueza e, por isso mesmo, um aspecto preponderante na posição de destaque desse recorte territorial nos sertões centrais do Nordeste.

Todavia, apesar de os elementos da natureza mencionados ainda persistirem como dados da paisagem e da identidade regional, a exploração predatória do passado e do presente não lhes reservou o papel de destaque principal nas etapas mais recentes da formação do aglomerado Crajubar.

A trajetória do Cariri ao longo do século passado foi marcada profundamente pela presença do Padre Cícero Romão Batista e/ou da sua memória na produção do espaço urbano regional. A sua história, o fenômeno social e cultural dele resultante e todo o repertório simbólico que se constituiu a partir do personagem Pe Cícero, constituiu-se no ímã principal de Juazeiro do Norte e de todo o vale do Cariri cearense. Conseqüentemente, o adensamento populacional e das atividades econômicas, sociais e políticas no Vale do Cariri, em especial em Juazeiro do Norte, converteu-se na condição de maior relevo para o dinamismo local e regional. Nesse sentido, consideramos lícito afirmar que a estruturação das cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, na qual cada centro urbano se converteu numa extensão contínua de um mesmo conjunto regional, erigiu-se por e a partir dos processos de adensamento e expansão consequentes.

Do “oásis” natural descrito pelos viajantes que atravessaram o Cariri no século XIX, formou-se o que chamamos de “oásis urbano” em meio aos sertões centrais do Nordeste, derivado da concentração e diversificação de atividades e fluxos nos três polos regionais. Este, em grande parte, fruto da centralidade regional do Crajubar, conquistada anteriormente, mas, ampliada e consolidada a partir da emergência do fenômeno Padre Cícero Romão Batista.

REFERÊNCIAS

ALEMÃO, Francisco Freire. Diário de viagem de Francisco Freire Alemão - Fortaleza - Crato, 1859. V. 3. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

ALVES, Joaquim. O Vale do Cariri - seu povoamento e desenvolvimento econômico. In: Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia. Revista Brasileira de Geografia. Vol. III. Rio de Janeiro: IBGE, p. 390 - 424, 1952.

_____. Juazeiro, cidade mística. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza. Tomo 62, p. 73- p. 73-101, 1948. 101, 1948.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. BAUER, M.W.; GASKELL, G.(Ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERDOULAY, Vincent. Do contexto ao relato: revisitar a modernidade. CASTRO, I.E.de; MIRANDA, M.; EGLER, C.A.G. (Orgs.). Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; FAPERJ, p. 315 - 322, 1999.

BRASIL, Thomaz Pompeo de Sousa Brasil. Ensaio Estatístico da Província do Ceará. Tomo I. Edição Fac-similar (1863). Fortaleza: Fundação Waldermar Alcântara, 1997.

_____. Ensaio Estatístico da Província do Ceará. Tomo II. Edição Fac-similar (1864). Fortaleza: Fundação Waldermar Alcântara, 1997.

BRÍGIDO, João. Apontamentos para a história do Cariri 1888. Edição fac-similar. Fortaleza: Expressão Gráfica e Ed., 2007.

CUNHA, Maria Soares da. Pontos de (re) visão e explorações historiográficas da abordagem regional: exercício a partir do Cariri cearense (séculos XIX e XX). Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2012.

CUNHA, M. S.; SILVA, M.G.B . O impulso à análise espacial a partir do trabalho de Fred Schaefer “Excepcionalismo em Geografia: um estudo metodológico” (1953): questões contextuais e teórico-metodológicas. Revista de Geografia (Recife), v. 24, p. 60-76, 2007.

DELLA CAVA, Ralph. Milagre em Joazeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DINIZ, José Alexandre Filizola (Coord.). O subsistema urbano-regional de Crato/Juazeiro do Norte. Recife: SUDENE-DPG-PSU-SER, 1989.

DOCUMENTAÇÃO Primordial sobre a capitania autônoma do Ceará. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

FEIJÓ, João da Silva. Memória sobre a Capitania do Ceará e outros trabalhos. Ed. Fac-simile de Separatas de artigos da Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: Fundação Waldermar Alcântara, 1997. (Biblioteca Básica Cearense).

GARDNER, George. Viagem ao interior do Brasil (1836-1841). São Paulo, EDUSP/Belo Horizonte, Itatiaia, p. 79 - 108, 1975. (T.1, 135).

HOWARTH, David; STRAVAKAKIS, Yannis. Discourse theory and political analysis – identities, hegemonies and social change. New York: Manchester University Press, 2000.

IBGE. Divisão do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas. DUARTE, Aluizio Capdeville. Estado do Ceará. V. 2. Tomo 2. Região Nordeste. Rio de Janeiro, IBGE, p. 65-108, 1990.

IBGE. Censo Demográfico 2010 - Ceará. Rio de Janeiro, 2011.

IBGE. Censos Demográficos: 1940. 1950. 1960. 1970. 1980. 1990. 2000. Rio de Janeiro, vários anos.

_____. *Cidades@*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>>. Acessos em: 30 ago. 2004; 21 abr. 2007 e 12 mar. 2008, 04 ago. 2008; outubro de 2011; junho de 2014.

_____. Regiões de influência das cidades 2007. Rio de Janeiro, 2008.

_____. Regiões de influência das cidades 1993. Rio de Janeiro, 1993.

_____. Regiões de Influência das Cidades. Rio de Janeiro, 1987.

_____. Regiões funcionais urbanas. Rio de Janeiro, 1972.

LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. GEOUSP – Espaço e tempo, São Paulo, N° 24, pp. 109 - 123, 2008.

LIMA, Claudio Ferreira. O Ceará na história. Anuário do Ceará 2005. Fortaleza: O POVO, p. 365 - 454, 2005.

NORÕES, E.; NASCIMENTO, F.S.; SAMPAIO, D. Região do Cariri. Fortaleza: BEL Publicações, 1978.

ORACIO, Gustavo. Descrição da Cidade do Crato em 1882. Revista Itaytera, V, Crato, p. 165-171, 1959.

ORLANDI, Eni P. Dispositivo de Análise. _____. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PAIVA, Melquíades Pinto. Os naturalistas e o Ceará. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002.

PATACA, Ermelinda Moutinho; PINHEIRO, Rachel. Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro. Revista da SBHC, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 58-79, jan. jun. 2005. Disponível em: <www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=126>. Acesso em: 16 mai. 2009.

QUEIROZ, Ivan da Silva. A metrópole do Cariri: institucionalização no âmbito estadual e a dinâmica urbano-regional da aglomeração do Crajubar. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Desenvolvimento Urbano, Recife, 2013.

SÁBATO, E. Homens e engrenagens: reflexões sobre o dinheiro, a razão e a derrocada de nosso tempo. Trad. Janer Cristaldo. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

SILVA FILHO, Antonio L. M. Nota explicativa. ALEMÃO, Francisco Freire. Diário de viagem de Francisco Freire Alemão - Fortaleza - Crato, 1859. V. 3. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, p. 9 - 39, 2006.